

Sapucaia do Sul, RS, V. 5, N.1, 2018

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



**INSTITUTO
FEDERAL**
Sul-rio-grandense
Câmpus
Sapucaia do Sul

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



Expediente

Diretor-Geral Câmpus Sapucaia do Sul
Mack Léo Pedroso

Diretor-adjunto
Carlos Alexandre Wurzel

Chefe do Departamento de Ensino
Fábio Roberto Moraes Lemes

Coordenador do Curso Técnico em Administração
Guilherme Reichwald Junior

Idealizador do projeto *Histórias*
Suzana Trevisan

Coordenadora do projeto *Histórias*
Débora Taís Batista de abreu

Projeto gráfico e diagramação
Ethiane Lucas Martins
Guilherme Silva dos Santos
Patrícia Hammes Strelow

Periodicidade
Semestral

Impressão
Coordenadoria de Produção e Editoração Gráfica - IFSul
Câmpus Pelotas

Histórias que merecem ser contadas
Sapucaia do Sul, RS, julho de 2018
V.5, N.1, 2018



Avenida Copacabana, 100, bairro Piratini
www.sapucaia.ifsul.edu.br

Sumário

- 5 Apresentação | Débora Taís Batista de Abreu
- 7 Gravidez na adolescência | Ana Paula dos Santos Spelier
- 9 Quando nasce uma avó | Andrea Farias Pacheco
- 10 Lembranças da infância | Carmen Luiza Pinheiro Teixeira
- 12 Saudade dói | Clara Rosane Duarte Pereira
- 13 Saudades eternas | Cláudia Pereira Garcia
- 16 Sonhar e sambar | Erondina Maria Fagundes
- 17 Escolhas da vida | Fávero Civiero
- 19 A que horas ele vai chegar? | Iryna Machado de Moraes
- 22 Mãe ainda menina | Jéssica Cardoso da Silva Cardoso
- 24 O valor da persistência | Lívia Beatriz Machado Rodrigues
- 26 A vida te surpreende | Luciane Espíndola
- 28 Duas mães | Márcia Maria Pereira Scoss
- 29 Meu biquíni azul | Patrici Ediane dos Santos
- 31 Casa nova | Roseli Martins
- 32 O recomeço | Rosilei Schena Rique
- 34 Laços do coração | Sílvia Beatriz Rodrigues
- 36 Atravessando a fronteira | Ulisses Rodrigues Pereira
- 37 Como em meus sonhos | Vanessa de Bairros Gross da Silva

Apresentação

Com esta obra, comemoramos o décimo volume do livro *Histórias que merecem ser contadas*, publicado semestralmente pelo câmpus Sapucaia do Sul, do Instituto Federal Sul-rio-grandense. O livro apresenta narrativas de vida de alunos do 4º semestre do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) da instituição. A iniciativa teve início em 2013/2 e vem conquistando espaço e crescente reconhecimento desde então. Não por acaso, esse projeto inspirou a edição de um volume nacional do livro, reunindo histórias de alunos da EJA de várias regiões do país. A publicação nacional ocorreu no final de 2017, em razão das comemorações dos Dez Anos do PROEJA.

Sinto-me realizada por fazer parte de um pouquinho dessa história, tendo a oportunidade de coordenar os trabalhos do projeto pela terceira vez. Há oito anos trabalhando com Língua Portuguesa e Literatura no PROEJA, sempre me sensibilizei com os relatos orais e escritos dos alunos. Dessa forma, me identifiquei, desde o primeiro momento, com o projeto e fico muito feliz em contribuir com uma iniciativa que dá voz a pessoas com trajetórias de vida tão especiais.

Um dos desafios que tenho encontrado no desenvolvimento desse trabalho é o de orientação dos alunos quanto à seleção de um episódio de vida a ser narrado. Em um primeiro momento, muitos acreditam que não viveram nada que mereça ser contado. Argumentam que tiveram e têm vidas sem graça. Então, um trabalho de sensibilização sempre se faz necessário, a partir de leituras e conversas. No entanto, quando eles se sentem confiantes e estimulados a falar e a escrever, surgem muitas histórias surpreendentes e emocionantes, que vão ganhando forma ao longo do semestre com as várias reescritas que são realizadas. Por fim, os próprios autores, que não davam crédito às suas narrativas, ficam surpresos com o resultado.

Acredito que essa dificuldade encontrada no início do projeto demonstra a baixa autoestima, a exclusão e a opressão, que, muitas vezes, marcam a vida desse perfil discente.

Esses alunos não valorizam suas trajetórias e também não costumam ser ouvidos. Por isso, dar a eles a oportunidade de compartilhar suas experiências é um momento transformador, em que passam a olhar mais para si, a se reafirmar, a valorizar suas trajetórias e a compreendê-las melhor.

Assim, pela coragem e pela disposição de vencer o desafio que representa narrar episódios de nossas vidas, agradeço aos alunos da turma 4F de 2018/1. Obrigada pela confiança, por terem aceitado sugestões e por terem sido persistentes e atenciosos no processo de reescrita. Certamente, neste percurso, nosso grupo passou a se conhecer melhor, e estreitamos nossos laços.

Também eu e os autores deste livro gostaríamos de agradecer à professora Suzana Trevisan, idealizadora do projeto, e ao professor Guilherme Reichwald, pelo forte apoio a essa iniciativa e pela parceria no desenvolvimento das atividades. Somos gratos também ao departamento de ensino e à direção do câmpus Sapucaia do Sul, pelo espaço dado para o desenvolvimento deste projeto desde a sua primeira edição.

Convidamos todos a uma leitura proveitosa e a conhecer um pouco mais sobre a vida dos autores desta obra. Também desejamos que estas narrativas possam emocionar os leitores e estimular a reflexão quanto às suas próprias trajetórias.

Professora Débora Taís Batista de Abreu

Grauides na adolescência

Ana Paula dos Santos Spelier



Em 2007, com quinze anos, comecei a namorar. Nos conhecemos no trajeto para a escola onde eu estudava. Começamos a namorar às escondidas, pois meus pais não aceitavam o namoro. Mas nós sentíamos um amor que era maior que tudo.

Depois de alguns meses de namoro escondido, meus pais descobriram e acabaram aceitando, nos dando um voto de confiança.

Tudo estava indo tão bem até que minha menstruação atrasou. Eu pensava mil coisas, pois não tinha planejado uma gravidez. Me perguntava como seria mãe tão jovem. Só tinha uma certeza: tudo iria mudar. Meu namorado me apoiou em todas as horas, mas dava para notar que ele também estava assustado.

Eu tinha medo da reação de meus pais, pois eu era muito nova. Então, chegou o dia de contar a eles, e a reação deles não foi diferente do que eu estava imaginando. Eles ficaram muito bravos, como eu nunca tinha visto.

Desde que tinha um ano de idade, sempre havia morado com meus avós. Minha avó já havia percebido, me perguntava e eu sempre fugia do assunto.

Os pais do meu namorado não ficaram tão impressionados, talvez porque ele já tivesse 22 anos.

Contudo, tive uma gestação tranquila. Minha ansiedade era para ver o rostinho do meu bebê.

Apesar da surpresa, tive o apoio de alguns familiares. Minha madrinha, Célia, ia comigo em todas as consultas de pré-natal.

Então começaram as contrações e fiquei doze horas

em trabalho de parto. Finalmente, no dia 15/12/2008, às seis horas, nasceu minha filha Júlia.

Essa experiência me fez avançar da fase adolescente para a fase adulta. Me fez ser a pessoa que sou hoje: guerreira, batalhadora e que luta por objetivos. Hoje, tudo que faço é pensando primeiramente em minha filha, no futuro dela.

Minha maior dificuldade em ser mãe jovem foi ter trancado meus estudos. Tinha planos de, depois do ensino médio, fazer um curso Técnico em Enfermagem. No futuro, ainda quero realizar esse sonho.

Hoje em dia, busco explicar a minha filha que minha experiência não foi nada legal e que a adolescência é uma fase para estudar e aprender.

Quando nasce uma avó

Andrea Farias Pacheco



No dia 08 de março de 2018, Dia Internacional da Mulher, às 02:12 da manhã, veio ao mundo Arthur, pesando 4,165 kg e medindo 52cm. Naquele momento, eu me tornava avó. Uma mistura de sentimentos explodia dentro de mim. As seis horas de espera do lado de fora da maternidade foram os momentos mais angustiantes. Sem nenhuma notícia, a aflição e a preocupação tomavam conta. No entanto, quando chegou a notícia de que Arthur havia nascido, lindo e forte, fui dominada por um sentimento

de felicidade e gratidão.

Mas, em meio a tanta comemoração, pouco tempo depois do nascimento, fomos informados de que nosso bebezão teria ido para a UTI, pois havia passado da hora de nascer e estava com um pouquinho de água no pulmão.

As 36 horas seguintes foram de uma longa e angustiante espera. Enquanto isso, eu só pensava em rezar. Não arredei o pé do hospital, pois queria estar perto de tudo e de todos em busca de notícias.

Enfim, o grande susto passou, e veio a notícia de sua melhora e de que a alta seria breve. A felicidade novamente tomou o lugar da preocupação.

Já em casa, finalmente, vi o meu filho descer do carro com aquele pacotinho nos braços. A magia e a emoção simplesmente invadiram meu coração. Corri e peguei em meus braços o nosso pequeno presente divino.

Hoje nosso grande rei Arthur está lindo, grande e forte e, a cada dia, encanta mais as nossas vidas. Ele é nosso presente de Deus e, por ele, nós todos mudamos alguns hábitos. Arthur é um significado de vida, de renovação para toda família.

Sou grata a Deus por ter me proporcionado a dádiva de ser mãe e hoje a felicidade de me tornar avó. O sentimento é tão gostoso que não sei explicar. É como um filho coberto de chocolate!

Lembranças da infância

Carmen Luiza Pinheiro Teixeira



Com 8 anos, nas séries iniciais, no ano de 1966, tive uma professora maravilhosa, que, através do seu trabalho, incentivou em nós o gosto pela leitura. A professora Estela lia todos os dias trechos dos livros do autor José Mauro de Vasconcelos.

O primeiro livro foi “Meu Pé de Laranja Lima”. Todos ficavam curiosos para saber o que ia acontecer na história no dia seguinte. Era a história de um menino que se sentia solitário e que encontrou em uma árvore uma forma de extravasar sua imaginação, transformando-a em seu melhor amigo. O próximo livro foi “Rosinha Minha Canoa”, que contava sobre uma árvore que foi transformada em uma canoa. Também era uma história de aventuras.

A professora fazia a leitura de uma forma criativa e atentava-se aos detalhes. Isso aguçava mais e mais nossa curiosidade pelas histórias e despertava em nós a vontade de ler tal como ela.

Devido ao interesse de todos em conhecer o autor José Mauro de Vasconcelos, a professora Estela resolveu que todos deveriam escrever uma cartinha para ele.

Logo após, ela escreveu uma carta para a secretária do autor, comentando sobre o nosso interesse pelas suas his-

tórias. Ela também enviou trechos das cartas dos meus colegas e da minha.

Como resultado dessa iniciativa da professora, tivemos a oportunidade de conhecer o autor, essa figura maravilhosa, que encantou a todos. O encontro foi no Aeroporto Salgado Filho.

Ficamos muito emocionados ao vê-lo e surpresos pela sua simpatia. Ele nos deu de presente o seu mais recente livro, “Palácio Japonês”, e, para nossa alegria e surpresa, os trechos das nossas cartinhas estavam impressos nas orelhas do livro.

Isso foi além de nossas expectativas. Nos meses seguintes, éramos nós que líamos a cada dia uma passagem do livro. Essa experiência que tive com certeza despertou em mim o gosto pela leitura e pela escrita.

Ficaram muitas lembranças positivas daquela época. Lembro-me até hoje daquela turma e daquela professora. Além disso, o que vivi me influenciou a mais tarde me formar no magistério e a me encantar com essa profissão.

Clara Rosane Duarte Pereira



Venho de uma família destruída. Meus pais se separaram quando eu ainda era uma criança. Somos dez irmãos, cinco meninas e cinco meninos. Com a separação, cada menina foi dada a uma família diferente. Fomos dadas como se fôssemos adotivas, mas sem nenhum documento formal. Contudo, não éramos tratadas como filhas. Fazíamos trabalho escravo, dormíamos no chão e, muitas vezes, a nossa comida eram as sobras da família.

Minhas roupas eram mínimas, duas mudas no máximo. O banho, não importava se estava frio ou calor, era com água fria. Eu lavava a minha roupa e colocava logo para secar, para ter roupa limpa para a próxima troca. Caso a roupa não secasse, teria que colocar molhada mesmo.

Eu sonhava em ir para a escola, mas não podia, porque só os filhos legítimos da família tinham esse direito. Meu calçado era um chinelo de dedo, e eu não tinha outro. Quando eu pedia um novo calçado, eles diziam que eu não precisava, porque eu não saía de casa. Eles falavam também que eu tinha é que trabalhar para pagar o que eu comia.

Desde aquela época, eu e meus irmãos ficamos separados. Hoje só me restam as lembranças, que trazem junto a saudade. Fico imaginando como seria bom se eu e meus irmãos tivéssemos passado nossa infância juntos, como foi com os meus filhos. Tenho certeza de que teríamos muito para contar e rir juntos.

Tenho saudade de meus irmãos e com alguns deles não tenho contato. Infelizmente, não temos aquele amor de irmãos. Mas é assim mesmo. Afinal, não fomos criados juntos! Contudo, muitas vezes me pego pensando neles. São momentos de nostalgia! E como dói não poder beijá-los e abraçá-los.

Cláudia Pereira Garcia



Lembro, como se fosse hoje, quando minha mãe começou a trabalhar fora. Foi no ano de 1984. Morávamos em Sapucaia do Sul. Aliás, é onde moramos até hoje, só que não no mesmo bairro. Na época, eu tinha 6 anos. Estava entrando na escola. Era tudo novo. Precisava muito dela perto de mim. Mas, como a nossa situação financeira não estava fácil, ela teve que trabalhar para ajudar a pagar as contas da casa.

Sendo assim, fiquei sob os cuidados do meu pai, o Sr. José Jamir. Apesar de ter duas irmãs e um irmão, todos mais velhos que eu, era ele quem cuidava de mim praticamente todo o tempo em que a minha mãe estava fora. Na época, ele tinha um bar junto à residência em que morávamos e também tinha um atelier de calçados.

No período em que eu não estava na escola, ficava com o meu velho o tempo todo. Onde ele ia, eu ia junto. Era o carrapato dele. Lembro dos doces e das guloseimas que ele comprava para vender no bar, que eram expostos nos chamados “baleiros”, os quais eu acabava comendo quase tudo antes de ele vender. Ele ficava muito bravo comigo, mas acabava me perdoadando. Lembro das vezes em que íamos a Novo Hamburgo com o seu velho Corcel para buscar as peças dos calçados. Para mim, enquanto criança, era muito bom. Tudo era uma aventura.

Sempre tivemos uma ligação muito forte. Tanto que, se eu fizesse alguma “arte” durante o dia, ele não me batia. Ele esperava a minha mãe chegar do trabalho e contava para ela. Aí, com a minha mãe, a conversa era outra. Lembro-me

apenas de uma vez ter levado uma chinelada dele, o que me marcou muito. E, naquele dia, ele ficou tão triste quanto eu.

Fortes são as lembranças de uma infância marcada pela presença do meu amado pai. Os anos se passaram, virei adolescente...mulher e sempre tive a presença dele. Ele sempre me ajudou no que foi possível. Sempre me aconselhou e me puxou a orelha quando necessário.

No ano de 2013, o meu amado pai começou a ter crises de convulsões, por conta de um efisema pulmonar. Em uma dessas crises, ele ficou internado em coma induzido por mais ou menos uns 20 dias. Tristeza, medo e preocupação tomaram conta do meu coração. Não queria perder um pedaço de mim. Quando conseguiram tirar ele dos aparelhos, os seus pulmões e sua saúde já estavam um pouco mais estáveis, mas ainda comprometidos por conta da doença. Depois desse susto, ele chegou a voltar para casa. Ficamos todos muito felizes por ele ter retornado. Mas, infelizmente, a partir deste episódio, vieram outras internações, outras crises. Neste período, minha mãe, meus irmãos e eu nos revezávamos para cuidar dele no hospital ou em casa. Lutamos junto com ele na esperança de que, por um milagre, o seu pulmão se regenerasse. Mas sabíamos que não era mais possível. Os médicos nos diziam que o problema dele era só no pulmão, mas que, como ele já tinha 71 anos, não teria como fazer transplante. Isso me cortava o coração, pois sabia que, mais cedo ou mais tarde, o meu amado pai não estaria mais conosco.

Certo dia, fui visitá-lo na UTI. Sempre era uma expectativa, pois nunca sabíamos se ele iria estar acordado ou sedado. E, neste dia, para a minha surpresa, ele estava acordado. Fiquei muito feliz, mas, ao mesmo tempo, a dor e a tristeza me abateram. Como ele estava com a traqueostomia, não podia falar. E, para ele não se mexer e tirar os aparelhos, o deixaram amarrado na cama. Então, ele tentava se comunicar de algum jeito. Eu fazia perguntas para ele e pedia para responder mexendo a cabeça com gesto de sim e não. E assim tentamos nos comunicar naqueles breves minutos em que estive lá. Ele sentia muita sede e pedia água. Mas não podíamos dar água para ele, pois ia direto para o pulmão.

A pior sensação do mundo é ver uma pessoa que você ama numa situação dessas.

E assim se passaram alguns meses. Até que chegou um dia, que foi dos mais tristes da minha vida. Minha mãe e eu fomos ao hospital, e o médico nos falou que poderíamos nos preparar, pois, pelo quadro, ele não resistiria até a noite daquele dia. Fomos para casa arrasadas. Mas sempre com aquela pontinha de esperança. Mais ou menos umas duas horas depois da nossa chegada em casa, a minha irmã ligou avisando que ele havia falecido. O chão sumiu dos meus pés. Parecia um pesadelo. Queria acordar, mas tinha que ser forte, pois tinha ainda mais uma missão, dar a notícia para a minha mãe.

Meu pai foi um exemplo de ser humano. Era honesto, generoso e carinhoso com todos à sua volta. Teve muitas amizades e sempre foi muito amado por toda a família. Ele educou a mim e aos meus irmãos para sermos pessoas de bem. Tudo o que sou hoje devo a ele. E o que aprendi com ele é o que transmito para as minhas filhas, Jenifer, de 18 anos, e Ana Clara, de 12 anos. Superar a sua morte foi muito difícil para nós, pois tínhamos uma ligação muito forte. A nossa família sempre foi muito unida.

Já faz 4 anos da sua partida, e o amor que sinto por ti, amado pai, nunca mudou de intensidade. Acredito em Deus. E acredito que existe algo maior. Um dia vamos nos encontrar e dar aquele abraço apertado novamente. Saudades eternas.

Erondina Maria Fagundes



Não é segredo para ninguém o grande amor que sinto por meus filhos e o quanto apreciamos o carnaval. No ano de 2011, Larissa, minha filha de número 4, disse que tinha um sonho. Eu, querendo realizar

o sonho dela, perguntei que sonho era esse.

- Quero um dia conhecer o carnaval de Porto Alegre! Ela respondeu, pois só acompanhava a festa pela televisão.

Então, consegui os ingressos e fomos numa aventura só nossa, eu e a Larissa. Foram quase três horas de deslocamento. Pegamos ônibus, trem e outro ônibus até chegarmos ao Complexo Cultural do Porto Seco. Era um lugar com muitas luzes, pessoas e música. Procuramos nossa arquibancada. Larissa era só entusiasmo em meio à multidão.

Quando a primeira escola entrou na avenida, o olhar dela ficou marejado. Ela segurava minha mão com muita força e se balançava. Minha filha era puro encantamento. Cantou os sambas e aplaudiu todas as agremiações que ali se apresentaram. Entre um cochilo e outro meu, ela me perguntou se eu estava gostando. Como eu poderia não estar gostando ao vê-la tão realizada?

Nada pode descrever a alegria dela naquele momento. Larissa me abraçava agradecendo. Aquele era um sonho tão simples ao alcance de todos, mas, para mim, era a coisa mais importante: o sonho de minha menina.

Pude perceber que pequenas ações e momentos juntos são importantes para fazermos a felicidade de quem nós amamos. Desde então, não só eu e a Larissa vamos curtir o carnaval, mas toda a família. É um momento de alegria e união para nós. Podemos sambar e sonhar todos juntos.

Deixei a cidade de Porto União, Santa Catarina, minha cidade natal, com o intuito de estudar e trabalhar. Contudo, não tinha certeza de nada do que viria pela frente, pois tinha apenas 21 anos e o ensino fundamental. Além disso, estava sozinho.

Tudo começou quando meu querido pai faleceu. Devido à tristeza pelo falecimento dele e também pelo fato de ter uma relação muito difícil com minha mãe, tomei a decisão de sair de casa. Uma discussão que tive com minha mãe me deixou em um dilema ético e moral: decidir sair de casa ou continuar sofrendo com a indiferença, pois o que me segurava ao lado dela era apenas eu mesmo.

Devido à convivência que tive com meu pai e a seus grandes ensinamentos sobre ética e moral, sobre certo e errado, decidi sair de casa sem olhar para traz. No princípio, minha saída foi com destino ao nordeste do Brasil. Contudo, pegando carona, cheguei ao Rio de Janeiro, carregando nas costas apenas a mochila com minhas roupas e uns trocados no bolso.

Quando desembarquei no Rio de Janeiro, fiquei com muito medo, pois sempre ouvia notícias sobre o crime organizado nas favelas e no centro do Rio. Mediante esse temor, decidi seguir em frente rumo à Bahia.

Foi então que recebi uma luz como se fosse meu pai tentando me avisar que não deveria seguir em frente. Quando eu estava no Rio de Janeiro, consegui uma carona que veio a esclarecer meus pensamentos a respeito do estado da Bahia. Resolvi escutar a pessoa que ali se encontrava e que estava compartilhando seus conhecimentos.

Essa pessoa viria a se tornar meu melhor amigo. Além de influenciar minha decisão, ele me deu uma oportunidade de adquirir uma profissão como motorista. Exerci esta profissão por três anos, viajando com meu amigo e professor

por todo Brasil.

Então, em 2002, acabei chegando ao Rio Grande do Sul. Cheguei à capital pela Avenida Castelo Branco. Com os olhos fechando de tão cansado que estava da viagem, avistei o rio Guaíba, iluminado pelos reflexos dos prédios que ali o clareavam em uma noite enluarada. Foi assim que cheguei a Porto Alegre e encontro-me nessa cidade linda até hoje.

Decidi ficar em Porto Alegre porque me encantei com as belezas do Sul. Também as oportunidades de emprego me levaram a continuar aqui e a não querer sair mais. O trabalho de caminhoneiro era muito cansativo e perigoso, por isso acabei desistindo. Nas saídas para conhecer a capital, acabei encontrando uma namorada, o que me fez desistir de viajar e me levou a procurar um emprego que me mantivesse mais perto dela.

Graças à minha namorada, não passei tanta dificuldade de adaptação. É verdade que passei por alguns apertos devido às diferenças culturais entre os estados e ao preconceito clássico que há entre gaúchos e catarinenses. Porto Alegre se diferencia de minha cidade pela forma de comunicação de seu povo, pela beleza e pelas oportunidades, também pela diversidade cultural que aqui se encontra. Minha vida hoje é boa, mas poderia ser melhor, pois eu perdi muito tempo sem estudar. Isso faz, a meu ver, uma grande diferença na questão de ter um bom emprego.

Nunca me arrependi de ter buscado uma oportunidade de paz e bem estar, saindo de minha cidade natal, pois aqui no Rio Grande do Sul sou feliz. Penso que já sofri tudo que tinha que sofrer. Sigo em frente com toda força e expectativa. Achei que não conseguiria chegar aonde cheguei. Após tantos percalços, estou conseguindo atingir uma das minhas metas, que é concluir um curso técnico. Além disso, estou no caminho para realizar meu sonho de jovem, que é me tornar um administrador de empresas.

A que horas ele vai chegar?

Iryna Machado de Moraes



Lembro-me como se fosse hoje quando eu, com apenas oito anos de idade, enfrentei junto da minha família uma das maiores batalhas da vida.

Meu pai, que sempre foi o pilar da família, trabalhava duro para nos sustentar e nos proporcionar uma vida melhor. Minha mãe, eu e meus irmãos, na época, não sabíamos o que enfrentaríamos pela frente.

Acordar todas as manhãs e perceber que a família estava bem era tudo que nos mantinha felizes e seguros. Aquela alegria de brincar com o papai e ser acariciada pela mãe fazia parte de nossa rotina.

Certa manhã, acordei triste, percebi que algo estava errado, mas não tinha noção do que seria. Minha mãe estava sentada tomando seu café, abatida e nos observando enquanto dormíamos. Foi então que me levantei da cama e me aproximei dela, que, cabisbaixa, pensava e apertava as mãos. Esse era o gesto que ela fazia quando ficava nervosa.

- O que está acontecendo, mãe? Por que está nervosa? Eu perguntei.

- Filha, eu quero que você seja muito forte e me ajude a tomar conta de seus irmãos por um tempo. Ela respondeu.

Naquele momento, não conseguia nem ficar de pé e já pensei no pior. Minhas mãos suavam frio e um tremor tomou conta do meu corpo por pensar que meu pai tão apegado e amoroso com a família pudesse não voltar mais.

- O que está acontecendo? Me fale mãe! Perguntei eu, com os olhos cheios de lágrimas e o coração acelerado.

- Filha, eu sei o quanto você é apegada ao seu pai, mas precisamos ser fortes e dar força para seu pai que está no

hospital.

- Como assim, mãe?

- Seu pai está muito doente, mas não sabemos ao certo o que ele tem. Os médicos só dizem que pode ser grave o estado dele. A partir dali tudo se tornou difícil e triste.

As manhãs já não eram as mesmas. Meus irmãos, ainda mais jovens do que eu, só conseguiam sentir a dor da ausência de nosso pai e perguntavam a todo instante a que horas ele iria chegar.

Esse foi um momento muito difícil em nossas vidas. Minha mãe se via sozinha para trabalhar, cuidar do meu pai no hospital e suprir a ausência dele, nos dando amor e carinho. Eu, sem saber a força que tinha aos oito anos de idade, tomava conta de meus irmãos.

As noites eram tão doloridas quanto as manhãs. Pegar no sono sem um boa noite do papai não era uma tarefa fácil. As manhãs pareciam ainda mais escuras sem a família reunida. Encostava no meu rosto a camisa que ele mais usava para sentir seu cheiro e, então, eu adormecia chorando.

Ao chegar da escola em uma tarde, avistei minha mãe. Parada na porta, ela sorria e apertava as mãos. Ela estava radiante de felicidade, e eu logo percebi, pois não a via assim desde que papai foi para o hospital.

- Vá até o banheiro, tenho uma surpresa para você, filha.

Sem pensar duas vezes, eu concluí que tinha algo de bom relacionado ao meu pai, pois a única coisa que nos traria alegria seria tê-lo conosco novamente.

Joguei a mochila no chão e, com os olhos atentos, procurava ele por toda parte. Foi aí que o avistei no banheiro, lavando o rosto abatido e cansado de lutar contra os medicamentos para vencer as dores. Contudo, ele só conseguia sorrir para mim. Emocionada, pulei no seus braços e pude sentir seu abraço, que nos acalmava em qualquer situação.

Superamos a dificuldade e, sempre que a família se reúne, recordamos o que passamos. Só assim podemos perceber tamanha a força que tem uma família unida com amor. Meu bem mais precioso é minha família. Se me mantenho de pé hoje perante as dificuldades da vida, devo aos meus

familiares. Meu pai, Valmor, minha mãe, Cristina e meus Irmãos, Junior, Aylin e Débora fizeram parte dessa história de superação e força. Nos mantemos até os dias de hoje unidos pela família em qualquer circunstância.

Hoje também tenho nesse laço de amor e união meu marido, Jeferson, minha sogra, Sueli, e meu sogro, Mauro. Essas pessoas são meus pilares na construção da pessoa que me tornei, e essa é apenas uma história entre tantas outras que vivemos. Decidi contá-la para mostrar que o que nos mantém de pé não são só os momentos felizes, mas também as dificuldades, que nos ensinam quem sempre estará nos levantando. É para essas pessoas que quero mostrar minha gratidão e meu agradecimento por tudo que aprendi e me tornei.

Ame, cuide e preserve aqueles que te amam e sempre fizeram de tudo para te ver bem. Não importa o tamanho do obstáculo quando se tem força para encará-lo.

Mãe ainda menina

Jéssica Cardoso da Silva Cardoso



Em uma tarde de 2014, no mês de março, ainda com 12 anos, faltando 3 meses para completar 13, descobri que estava grávida de minha filha Nicole, hoje com 12 anos de idade. Esse foi um acontecimento que me proporcionou experiências, descobertas e, acima de tudo, conhecimentos. Também me trouxe muita felicidade, nunca arrependimento, pois filho é uma graça que Deus nos concede.

Com minha gravidez, vieram muitos medos e muitas curiosidades. O primeiro medo foi da minha mãe: qual seria a reação dela? Também temia não saber cuidar do bebê e que minha menina não me chamasse de mãe e sim de mana. Além disso, tinha medo que o pai dela não me ajudasse e ficava imaginando qual seria a reação da família dele.

Aliás, não sabia nem por onde começar. Bom, a primeira coisa a ser feita seria contar para minha mãe. Quem decidiu contar não fui eu, mas minha vizinha Neusa, minha grande amiga. De fato, meu susto foi grande e também foi o da minha mãe.

Ela chorou muito, pois não tinha o apoio do meu pai, que abandonou a família quando eu tinha apenas dois anos de vida. Acredito que na hora o mundo da minha mãe tenha desabado. Naquele momento, ela tinha medo de que eu morresse e ficou triste por eu ter desapontado ela. Afinal, nós, mães, sempre queremos um futuro brilhante para nossos filhos. Hoje eu entendo a reação dela e acredito que, se fosse comigo, teria agido da mesma forma.

No dia seguinte, fiz uma ecografia e verifiquei que já estava com três meses de gestação. Era um bebê de verdade!

A minha menina já estava completamente formada. Lá estava a razão da minha vida dali para frente. Apesar de ser tão nova, a existência de um ser tão indefeso dentro de mim me fez sentir um amor inexplicável, me fez entender que eu era mãe e que ela dependia muito de mim.

Durante minha gravidez, ouvi muito a pergunta “Você não tem vergonha?”. E como eu poderia ter vergonha de algo tão especial? Ser mãe foi uma experiência precoce para mim, mas foi também algo maravilhoso. Consegui manter-me uma pessoa centrada, com sonhos e expectativas, aceitando e corrigindo meus erros.

Ser mãe me ensinou a ser mulher, a enfrentar o mundo e suas dificuldades de cabeça erguida e a lutar pelos meus sonhos e objetivos. Contudo, com a gravidez também vieram os preconceitos por parte de alguns que pensavam que porque engravidei eu não tinha valor. No entanto, meus amigos e minha família sempre me deram forças.

Infelizmente, com essa experiência, tive que abrir mão dos estudos, e perdi a maior oportunidade que a vida podia me dar: a minha adolescência. Hoje tento recuperar o tempo perdido, com o incentivo da minha família, do meu marido, e das minhas filhas, para que eu possa dar a elas um futuro melhor e alcançar meus objetivos.

Nos dias de hoje, sou mãe de duas lindas meninas. Além da Nicole, tenho a Mariana, de 4 anos. Nesta minha caminhada, só tenho a agradecer. Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado sabedoria, força e saúde, para enfrentar os desafios. Agradeço também a minha sogra, a minha amiga Neusa, a meus amigos e a meu marido, Tiago, que esteve comigo sempre. Crescemos juntos, amadurecemos juntos e aprendemos a ser pais juntos.

Para minhas filhas tenho muito a dizer e muito para ensinar. Quero para elas uma trajetória diferente. Não que a minha tenha sido ruim, mas podia ser diferente. Desejo um brilhante futuro a elas e que aproveitem a infância e a adolescência tudo no seu tempo. E, então, depois de um caminho percorrido e do alcance de seus objetivos, desejo sim que sejam mães, pois não há nada de mais maravilhoso e gratificante nesta vida.

O valor da persistência

Lívia Beatriz Machado Rodrigues



Minha história começa logo que me formei no ensino fundamental na escola Dr. Julio Casado, no ano de 2013. Com o coração cheio de sonhos e esperanças, fiz a prova para ingressar no curso técnico em eventos do Ifsul e, simultaneamente, fiz a prova de seleção para o técnico em mecânica no Instituto Liberato, em Novo Hamburgo.

Para a minha imensa felicidade, passei nas duas provas. Por outro lado, eu vivia um impasse, pois teria que escolher entre um dos cursos. Nessa época, eu estava iniciando um curso técnico em mecânica industrial no instituto SENAI de Aprendizagem. Eu estava fascinada pela área e confesso que a vontade de cursar o técnico em mecânica, em Novo Hamburgo, predominava em meu coração.

Cheguei a ir à Instituição com minha mãe para fazer a matrícula. No entanto, a frustração veio quando a orientadora do curso me informou sobre as aulas que ocorreriam no contraturno. Até então eu não sabia que teriam aulas tanto pela manhã quanto pela tarde. Eu fiquei muito chateada, pois não poderia voltar atrás e cancelar meu curso no SENAI. Eu tinha lutado por uma vaga e não abriria mão dela.

Conformada com a minha situação, iniciei o curso técnico em eventos no Ifsul no ano de 2014. Frequentei durante 6 meses. Então, houve uma greve no instituto. Após a greve, que durou algumas semanas, eu não retornei às aulas. Naquele momento já não me identificava com o curso, então o abandonei.

No início do ano de 2015, realizei minha matrícula

em uma escola Estadual. Pude notar a diferença nos padrões de ensino e nas instalações, comparando uma instituição estadual com o Instituto Federal. As condições de ensino na rede estadual eram muito precárias. Faltavam professores, água e até mesmo energia elétrica. Desmotivada, novamente tranquei o ensino médio. A esta altura, você, caro amigo leitor, deve estar pensando que eu sou um tanto quanto indecisa.

Em 2016, eu já atingira a maioria e, ao ver a maioria dos meus antigos colegas prestes a se formar, me motivei novamente. Fiz a matrícula em um colégio estadual, agora na modalidade EJA, que propõe a conclusão do ensino médio em um ano e meio. Nesse mesmo ano, fiquei sabendo sobre o curso técnico em Administração no Ifsul. Assim, reuni os documentos e realizei o processo seletivo.

Não fui selecionada daquela vez. Porém, não desanimei, continuei com os estudos e, no meio do ano, tentei novamente o processo seletivo no Ifsul. Desta vez, eu estava mais preparada, então fui selecionada. Um ano e meio se passou desde então e, depois de pensar inúmeras vezes que eu não conseguiria dar conta, estou aqui, mais motivada do que nunca.

Durante esta breve trajetória, me inspirei em outros casos de superação, muitas vezes mais intensos e complicados do que o meu. Espero que, depois de ler este relato, você também se inspire para superar seus próprios desafios, sonhe e acredite na sua capacidade para voar cada vez mais alto.

Minha história ainda não tem fim. Hoje sigo escrevendo apenas mais um capítulo dessa trajetória, que, se depender de mim, vai muito longe ainda. Gostaria de finalizar dizendo que não me arrependo dos caminhos que tomei, pois foi desistindo que eu aprendi a PERSISTIR.

Hoje agradeço a todos que fizeram parte da minha história até então e agradeço a você também, caro leitor, pela sua fiel atenção, lhe desejo muita saúde e coragem para persistir em sua jornada.

Luciane Espíndola



Em 2013, ganhei um grande presente da empresa onde trabalho. Tudo começou quando a empresa decidiu fazer uma campanha de vendas para aumentar os lucros, propondo prêmio a um dos vendedores que mais se destacasse. A premiação seria uma viagem a Porto Seguro, com tudo pago, durante uma semana, em hotel, com acompanhante. As regras foram divulgadas no início da campanha. A cada mês seriam dados cupons aos vendedores por metas fechadas e, no final do ano, todos os cupons seriam depositados em uma urna. Quanto mais cupons o vendedor conseguisse, mais chances teria. No entanto, lembro que aquele ano foi difícil, a pressão foi muito grande e não consegui fechar muitas metas. Mas sonhei muito com aquela viagem porque poderia levar o meu filho em um grande passeio e realizar o seu sonho de andar de avião.

Chegando o mês de dezembro, final da campanha de vendas, nos reunimos na sala de reunião da empresa. Era um cenário de luxo, tudo em grande estilo! Uma mesa de vidro enorme, um lustre no teto no meio da sala de reuniões e cadeiras confortáveis. Naquele momento, me deu um frio na barriga, pois me lembrei que tinha poucas chances, afinal havia recebido somente 3 cupons. O diretor da empresa fez um discurso e, logo após, passou a palavra para a gerente, que começou o sorteio. E, na minha mão, só havia três chances. Todo aquele clima começou a me dar um frio na barriga! Minhas colegas tinham em torno de vinte chances a mais do que eu. Naquele momento, me senti triste, mas disfarcei. Pensei que tinha a mínima chance, baixei a minha cabeça, aguardando o nome que seria sorteado. De repente, naquele

silêncio, ouvia a batida do meu coração. Foi um momento tenso, olhei para minhas colegas que haviam colocado vários cupons nas urnas. Pensei mais uma vez: “não tenho chance”. Eu acho que foi naquele momento que Deus disse: “Vou te mostrar que a vida te surpreende e que quem tem fé sempre alcança”. No silêncio, a gerente balançou a urna com todos os cupons e tirou um nome... Quando tudo parecia perdido, meu nome ecoou: “Luciane Espindola!”. O mundo parou, meu coração acelerou, era somente felicidade, um sonho que se realizava.

Assim, em fevereiro de 2014, parti com meu filho para Porto Seguro. Consegui ficar uma semana grudadinha com meu amor, minha vida. Curtimos dias maravilhosos com praia, sol, piscina e até café da manhã em hotel. Foram dias de glória, e ainda realizei o sonho do meu filho de andar de avião.

Hoje penso que devemos acreditar em nossos sonhos e lutar até o fim porque, apesar de a vida ser difícil, podemos ter muitas surpresas boas. Acredito ter sido muito merecedora daquele prêmio. Sonhar é vida, e conquistar um sonho é como conquistar um pedaço da vida. Muitos sonhos ainda tenho para realizar e, com fé e persistência, continuo tentando alcançá-los, porque hoje acredito que a vida pode te surpreender.

Márcia Maria Pereira Scoss



Logo depois de casar, com 24 anos, tive minha filha, Kertyly. Naquela época, trabalhava como diarista. Quando ela tinha cinco anos, engravidei do meu caçula, Kauã.

Depois da licença maternidade, não tive com quem deixar o bebê para ir trabalhar. Minha filha já ficava com minha sogra, que cuidava de mais três crianças. Eu não tinha como deixar mais um bebê com ela.

Então, minha irmã Cristiane se ofereceu para cuidar do meu filho. Como eu e meu marido saíamos muito cedo e voltávamos muito tarde, optamos em deixá-lo a semana toda com ela. Ele somente ia para casa na sexta-feira, para o final de semana.

Assim, o Kauã começou a considerar a tia como mãe. Quando ele começou na escola, era minha irmã que o levava e o buscava. Ela também participava das reuniões. Um dia fui buscá-lo na escola, e a professora não queria entregar meu filho. Ela não sabia que eu era a mãe dele. Com isso, fiquei muito chateada.

Dessa forma, em conversa com meu esposo, resolvemos que iríamos participar mais da infância do nosso menino. Passamos a estar mais presentes, mas, por outro lado, os laços entre ele e a tia ficavam cada vez mais fortes. Havia finais de semana em que o Kauã não queria vir conosco para casa. Ele se agarrava nela e dizia quero “quero ficar com minha mãe”.

Hoje em dia, o Kauã está com onze anos e fala que tem duas mães e dois pais. Ele continua ficando com a tia e passa os finais de semana conosco. Hoje compreendo e admiro o vínculo que ele tem com a tia, é uma relação de muito carinho. Eu procuro, quando estou com ele, dar o máximo

de atenção. Já me resenti por não estar mais presente em sua vida. Contudo, espero que ele entenda que essa foi uma daquelas dificuldades impostas pela vida.

Agradeço por ter uma irmã especial, que criou tão bem meu filho, como se fosse seu. Dessa forma, dedico este livro a ela.

Meu biquíni azul

Patrici Ediane dos Santos



Era madrugada quando acordei, peguei minha mochila e, aflita, saí do quarto. Minha mãe me esperava na sala e, com ela, vieram todas as instruções para a viagem. Escutei atentamente. Me disse para usar protetor solar e, por nada e por nenhum minuto, sair do lado da minha

tia.

Novamente, apanhei a mochila e também o cobertor e o travesseiro. Minha tia já me esperava em frente de casa. Ela havia me falado muito sobre a praia e sobre a água salgada – coisa de que eu duvidava ou que não conseguia entender. Íamos de excursão, e nosso destino era a praia de Torres.

Saímos de Campo Bom quando era madrugada e escuro ainda. Sentamos bem na frente. Era muito escuro! Acredito que o plano da minha tia era que eu dormisse. Afinal, a viagem seria longa. Mas não me lembro de isso ter acontecido, eu estava muito ansiosa, afoita.

Durante todo o caminho, eu perguntava sobre a distância, sobre o quanto faltava para chegarmos. As horas não passavam, e o sol que não aparecia? Que aflição! E que cansaço eu daria em minha tia...

- Tia, falta muito?

Depois de adulta, fui a Torres inúmeras vezes, mas, em nenhuma delas, a viagem foi tão longa quanto aquela quando eu tinha sete anos.

Enfim, o sol começou a aparecer. As pessoas do ônibus despertavam e parecia que havíamos chegado. Desci super empolgada, apanhei o travesseiro, a mochila e a coberta. Para minha tristeza, a primeira parada era na pousada. Tínhamos que descarregar e tomar café. Deixamos as sacolas no quarto – lembro que havia beliches cheios de cupim. Façanhas de excursão.

Como havia importunado minha tia a viagem toda, não quis perguntar por que não fomos direto para a praia. Esperei ali, inquieta.

Parece que agora estávamos prontas e finalmente fomos para a pra-i-a! Quando vi aquela imensidão, aquele exagero de areia, de água, não sabia o que fazer, por onde começar. Chegava ao fim todo o martírio da viagem, da espera.

Entrei na água e dali não queria mais sair. Conhecer a praia superou minhas expectativas, estava realizada, feliz. Confirmei que a água era salgada e que fazia arder os olhos. Também verifiquei que meu cabelo ficava duro com ela. Confesso que não conseguia entender por que um lugar tão lindo tinha uma água tão ruim. Claro que isso não era nada, se comparado a minha alegria. Esse foi meu melhor final de semana, foi minha descoberta favorita. Tudo ali era lindo, grande, imenso.

Dada a minha experiência, percebo a importância de momentos como esse quando ainda somos crianças. Tais descobertas, emoções e sentimentos são carregados para toda a vida.

Lembro-me da lembrança que compramos para minha mãe, era um barquinho de concha. Lembro do local onde almoçamos, lembro do meu biquíni azul. Só não tenho lembrança da volta para casa, não lembro do caminho, não lembro de ter ficado acordada. Entrei e “capotei”.

Roseli Martins



No final de 2006, eu e meu marido éramos um feliz casal recém-casado, que morava nos fundos da casa da minha mãe. Contudo, decidimos que precisávamos do nosso canto. Então fomos à procura. Fizemos a inscrição na prefeitura para a aquisição de um imóvel, porque, assim, era mais fácil de obter um financiamento, pois a renda não precisava ser muito alta. Enquanto aguardávamos sair o resultado da prefeitura, chegou uma correspondência, mostrando um novo condomínio de apartamentos, que iria começar a ser vendido. Logo então fomos visitar o plantão de vendas. O vendedor que nos atendeu foi bem solícito, tirando todas as dúvidas que tínhamos. Ele viu que ficamos animados, fez uma simulação para ver se, com a renda que tínhamos, iria dar para fazer o financiamento. E, para nossa surpresa, dava, e saímos do plantão com um apartamento reservado.

Levamos cerca de um mês para ter em mãos todos os documentos necessários para enviar à imobiliária, para que ela verificasse se todos os documentos estavam corretos, para só daí enviar para o banco. Enquanto aguardávamos, íamos pelo menos uma vez por semana visitar o terreno, só para verificar se tinham iniciado as obras. Nosso maior medo era que tivéssemos caído em um golpe, já que junto com a documentação demos uma pequena entrada.

Quando finalmente iniciaram as obras, ficamos aliviados e animados, afinal era a nossa casa! Começamos o planejamento: piso, tinta, cozinha, banheiro... Era muita coisa, mas ainda tínhamos tempo. Depois que o banco aprovou nosso financiamento, levou quatorze meses até a entrega das chaves. Assim que entregaram, demos um jeito de colocar o

pisso para que pudéssemos fazer a mudança. Estávamos encantados com o nosso apartamento.

Um mês depois que nos mudamos, descobrimos que eu estava grávida. Nossa felicidade era em dobro, e o plano agora era o bebê. Hoje estamos muito satisfeitos com o fato de termos conquistado nossa casa. Ela simboliza o início de uma família, que, com muito esforço e dedicação, conseguimos construir. Não parece, mas já se passaram oito anos desde que nos mudamos.

O recomeço

Rosilei Schena Rique



Certo dia, resolvi mudar, sair da rotina, fazer algo para o meu futuro. Desde que tive meu filho, parei de trabalhar para me dedicar à fase mágica que eu estava vivendo e também porque não tinha com quem deixá-lo. Depois de um tempo, embora estivesse vivendo um período muito iluminado por ter a benção do meu filho, resolvi fazer algo mais.

Optei por voltar a estudar, terminar o ensino médio, que havia parado havia 8 anos. Nas minhas idas e vindas pelo bairro em que moro, passava sempre em frente a uma escola que me chamava a atenção por ter cursos técnicos. Eu olhava para a escola e pensava “um dia eu ainda vou estudar aqui”.

Então, comecei a estudar em uma escola pública do estado, fazia a EJA. Meu filho tinha quatro anos e passou a ficar com o pai dele para eu estudar à noite.

Fiz novas amizades e uma amiga me perguntou o que eu tinha interesse em fazer ou cursar após a conclusão do ensino médio. Foi quando eu falei que gostaria de cursar Administração. Assim, ela me disse que, naquela escola, por

onde eu passava e na qual eu almejava estudar, havia o curso em nível técnico. Dessa forma, acompanhei todos os processos da escola e fiz a inscrição para o curso. A partir daí, começou uma angustiante espera: será que eu conseguiria a vaga ou será que não?

Então, em uma noite muito fria de inverno, saiu a lista dos aprovados para ingressar no curso. Muito nervosa, olhei para aquela listagem, verificando nome por nome, procurando o meu. Até que enfim lá estava escrito “Rosilei”. A felicidade estava estampada em meu rosto.

Meu foco, a partir daquele momento, passou a ser o curso. E minha família, como sempre, ficou orgulhosa de mim por eu sempre buscar aquilo que eu queria e por passar a ter a possibilidade de crescer profissionalmente.

Hoje estou no 4º semestre, e meus dias têm sido estudar e estudar, pois, a cada semestre, vai ficando mais difícil. Contudo, com as dificuldades e os erros, vem o aprendizado. Com muita alegria, hoje estou nesta caminhada rumo aos meus objetivos. Depois que concluir o curso, pretendo trabalhar na área como técnica administrativa.

A partir de minhas experiências, aprendi que devemos sempre acreditar naquilo que queremos e buscar nossos objetivos. Tento passar para o meu filho a lição de que os estudos são muito importantes para transformar a vida das pessoas.

Estudar me abriu as portas para a vida. Com mais conhecimento, cresci como pessoa, esposa, mãe. Por isso, todos os dias, busco aprender um pouco mais.

Sílvia Beatriz Rodrigues



Eu fui adotada com quatro meses de idade. Segundo me contaram, minha mãe biológica não tinha condições de me criar. Eu estava passando fome há três dias, só tomando chá de laranja.

Minha mãe adotiva ficou viúva ainda jovem, com três filhos para criar, Cidionei, Paulo e Sirlei. Ela havia feito uma promessa de que, se conseguisse criar meus irmãos e não pagar mais aluguel, adotaria uma criança. Então, o tempo passou, e meus irmãos já eram adolescentes. Foi quando ela

soube que havia uma criança para adoção. Sem falar nada para meus irmãos, ela foi me buscar.

Minha irmã, na época com dezoito anos, queria muito uma boneca dorminhoca para enfeitar a cama. Então, minha mãe chegou comigo e falou: "Está aqui tua boneca". Ela me pegou no colo e disse que ia ajudar a me cuidar. Quando meus irmãos chegaram, também ficaram felizes.

Com minha nova família, tive uma infância boa. Lembro-me das marcas de pegadas até a cesta de Páscoa, dos presentes embaixo da árvore de Natal, da minha festa de quinze anos, que foi simples, mas feita com muito carinho. Também lembro do meu primo Celso Fernandes, que muitos conselhos me dava. Ele era muito especial. Falava que eu tinha que ser forte quando sofria algum tipo de preconceito por minha cor e por ser adotada. Ele dizia assim: "Não baixe a cabeça, você é importante, você nasceu para nós com quatro meses de idade e vamos sempre te apoiar".

Sempre tive incentivo para estudar, principalmente do meu irmão Paulo, que queria que eu tivesse uma profissão. Ele até mesmo ia nas reuniões de escola e depositava dinheiro para meus estudos. Contudo, muita coisa aconteceu e

ele não pôde mais continuar me ajudando e ficou triste por causa disso.

Com vinte anos, me casei. Entrei na igreja com meu irmão Cidionei. Ele estava muito feliz e orgulhoso por isso. Na festa do casamento, fiz uma homenagem a eles e agradei por terem me criado. Depois de me casar, tive duas filhas, Juliana e Bruna, minhas princesas. Ensinei a elas o que aprendi com minha mãe: acreditar em Deus apesar das dificuldades, ser honrada, ter respeito, se fazer respeitar e nunca pegar o que é dos outros.

Quando eu estava com trinta e três anos, meu irmão biológico Sérgio Luís me encontrou. Ele me procurava há dez anos e queria saber o que tinha acontecido comigo. Nessa época, minha mãe biológica era falecida e meu pai veio a falecer um tempo depois.

Fiquei muito feliz e emocionada com o reencontro. Quando fui conhecer os outros irmãos, tinha uma festa em minha homenagem. Somos quatro filhos do mesmo pai e da mesma mãe, sendo eu a mais velha. Também tenho mais quatro irmãos por parte de pai.

Hoje eu avalio que tudo tem uma razão de ser e que Deus tinha um propósito na minha vida. Agradeço às duas famílias que tenho e às pessoas que fizeram e fazem parte da minha vida. E, em especial, à minha mãe, Edith Fernandes, e ao meu irmão Paulo Fernandes. Dedico essa história a eles, que estarão sempre em meu coração.

Atravessando a fronteira

Ulisses Rodrigues Pereira



Sou natural de Livramento, cidade que faz fronteira com o Uruguai, e ali é costume o portunhol. Eu ficava frequentemente na cidade de Rivera, que faz fronteira com Livramento. Pensava, portanto, que entendia o espanhol,

mas, na verdade, eu não entendia.

Um dia chegou em minha casa o meu irmão e me perguntou se eu queria trabalhar com ele na cidade de Salto, no Uruguai. Como eu estava sem serviço, aceitei. Saímos na mesma noite.

Essa cidade fica aproximadamente há 500 km da fronteira com Livramento. Eu sou azulejista e meu irmão era pedreiro. Estávamos ali para trabalhar no revestimento de banheiros e pisos de doze garagens de um prédio. Contudo, na hora de falar com os proprietários, que eram uruguaios, eu vi que o meu entendimento sobre o espanhol era bem precário, e o meu irmão Francisco não sabia nada. Foi então que, com algumas dificuldades, eu fui aprendendo a me comunicar em espanhol. Aquela foi uma experiência muito boa para nós, ficamos na obra por quatro meses.

O Uruguai, embora seja um país vizinho, é muito diferente do Brasil. Uma das coisas diferentes são os feriados. Nesses dias, os ônibus intermunicipais têm os horários reduzidos, e muitas lancherias não abrem as portas. Por outro lado, viajar no Uruguai é muito bom, pois as estradas são melhores do que no Brasil, e a segurança também é melhor.

Depois dessa ocasião, voltei ao Uruguai para trabalhar outras vezes, agora dominando mais a língua. Com a experiência e com o aprendizado que tive, hoje tenho vontade de ir para outros países para conhecer coisas e pessoas

novas e para aprender sobre outras culturas. Acho que isso seria importante para o meu crescimento como pessoa.

Como em meus sonhos

Vanessa de Bairros Gross da Silva



Ela é a realização e a confirmação dos meus sonhos. Ela é exatamente como pensei: geniosa, de personalidade forte e de muita iniciativa.

Quando criança, eu pensava em ter uma filha, uma menina linda de cabelos claros e lisos. Mas de que maneira isso poderia acontecer se eu sou morena de cabelos cacheados? Seria, então, um sonho de menina quase impossível.

Ainda muito jovem, conheci alguém que “contribuiria” para que aquele sonho se tornasse realidade. Aos 17 anos de idade, decidi formar uma família. Infelizmente, o plano que fiz não saiu como eu havia pensado. Mas desse plano fracassado resultou algo muito especial: a minha gravidez.

No início, foi meio complicado, pois, como eu era muito nova, meu pai não aceitava. Para mim, era um misto de emoção e medo: emoção de carregar dentro de mim um ser tão importante e medo de não conseguir ou de não saber cuidá-lo, mas o desejo de ter aquele bebê era maior.

Passavam-se os meses, e a agonia para saber o sexo do bebê só aumentava. Em todos os momentos, eu só pensava na minha menina. Chegou então o dia do exame.

No percurso até a clínica, me mantive em silêncio. Uma amiga, que me acompanhava, estranhou minha reação. Mas eu, sem hesitar, disse-lhe que estava tentando me preparar para, de repente, ouvir do médico que não era a

minha menina. Mas não! Chegando à clínica, logo faço o exame, e, como em meus sonhos, eu teria uma menina. Ali meus sonhos começavam a se tornar realidade. Nossa, quanta felicidade eu senti!

Então, em 03 de novembro de 2003, nasceu a minha filha, bem carequinha. Seu cabelo só começou a crescer depois de seu primeiro ano de vida, mas o jeito e a cor ainda eram indefinidos. Eis que os anos iam passando e o seu cabelinho crescendo, loirinho e lisinho, como em meus sonhos...

Neste ano de 2018, ela completa quinze anos. Têm sido anos de parceria, de companheirismo e de brigas às vezes, mas tenho a certeza que ela é meu presente de Deus, assim como em meus sonhos...



Curso Técnico em Administração
Turma 4F - 2018 01

